

O PAPEL DA GESTÃO EDUCACIONAL NA IMPLEMENTAÇÃO DAS TICS NA ESCOLA

Eberty André dos Santos Pereira¹

RESUMO: A educação está em constante mudança, sobretudo, na atualidade, em que a tecnologia está cada vez mais presente na sociedade, mudando a forma como aprender e ensinar. Este trabalho tem como objetivo identificar quais são as competências e as práticas que os gestores e os educadores podem desenvolver para alcançar uma gestão inovadora de sucesso. A metodologia utilizada é qualitativa com revisão de literatura a fim de construir o referencial teórico. Os resultados obtidos expõem que o futuro da aprendizagem possui uma estreita ligação com os avanços tecnológicos e está imbricada em metodologias ativas como, a gamificação, a aprendizagem móvel, os ambientes colaborativos, a aprendizagem baseada em projetos, um ambiente de aprendizagem flexível e adaptável às diversas áreas da ciência e para tal o gestor tem papel importantíssimo na promoção dos meios para implementação de práticas inovadoras transformadoras do saber.

PALAVRAS-CHAVE: Gestão Educacional. Inovação. Tecnologias de Informação e Comunicação. Metodologias Ativas

INTRODUÇÃO

A sociedade está em constante mudança, seja no aspecto das relações humanas, ideologias políticas, senso de moral e ética, seja no aprimoramento ou surgimento de novas tecnologias; esta sua vez proporciona o desenvolvimento de novas profissões e de novas demandas em pesquisas científicas.

O modelo atual de escola tem mais de mil anos de reprodução. É um modelo escolar que continua a reproduzir e a transmitir um tipo de conhecimento, utilizando velhos métodos, antigas formas de organização do espaço escolar, que reforçam a pedagogia dos conteúdos, pela transmissão de conhecimentos que colocam a escola no caminho do imobilismo, a estar em descompasso em relação à inovação educacional, que é exigida pelo mundo contemporâneo (AMORIM, 2007 apud AMORIM 2015b).

Conforme RIOS (2011), é possível observar no século XXI o apogeu das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) na sociedade velozmente, porém dentro do ambiente escolar ela é implementada com morosidade, seja pela falta de recursos materiais, seja pela inaptidão dos educadores em compor um planejamento que conecte as tecnologias ao currículo.

¹

A respeito das mudanças e avanços da sociedade e a morosidade das mudanças no processo de ensino-aprendizagem, AMORIM (2015b) evidencia que a escola permanece imutável em sua essência, continua a repetir, sempre, as atividades que já vêm sendo pré-formatadas ao longo dos anos enraizadas em um modelo de currículo fragmentado. Ademais, o autor chama atenção para a necessidade de implementação de novas metodologias e novas práticas educativas.

De acordo com PEREIRA (2017) essa nova configuração do ambiente educativo, potenciada pela integração das tecnologias de informação e comunicação (TICs), proporcionou um conjunto de alterações no modelo educativo atual, nomeadamente nas interações entre aluno, professor e conteúdo.

Conforme AMORIM (2015a), uma angústia dos que vivenciam a educação é a falta de inovação da gestão escolar, a falta de um perfil de um gestor inovador, para que as escolas superem o ambiente conservador que a maioria continua vivendo, em suas práticas pedagógicas, administrativas e financeiras, gerando assim, um anseio por mudanças que transponham a lógica tradicional conservadora que está instaurada nas práticas pedagógicas.

O surgimento das teóricas pedagógicas críticas e pós-críticas, segundo PERRENOUD (2002 apud AMORIM, 2015a) se revela como uma possibilidade de renovação da gestão educacional e das práticas educativas. E como aponta LIBÂNEO (2004) as escolas e os professores tem um papel insubstituível de propiciar as condições intelectuais para toda a população, de modo a ampliar sua capacidade reflexiva e crítica em relação às condições de produção e de difusão do saber científico e da informação.

Este artigo trata-se de um trabalho de conclusão de curso de cunho teórico, incluindo uma revisão de literatura e com o objetivo de ser uma apresentação do contexto histórico e social e sistematização dos pensamentos dos(as) autores(as) da área.

As instituições educacionais vêm sendo pressionadas a rever o seu papel diante dessas transformações que caracterizam as novas conjunturas sociais. A escola possui um grande desafio: preparar os discentes de hoje para lidar com tecnologias que ainda não estão presentes em seu cotidiano e/ou para profissões que ainda virão a existir. A proposta desse artigo é investigar o papel do gestor escolar na implementação das tecnologias na educação e identificar quais são as competências e práticas educacionais aplicadas hoje que podem auxiliar a gestão a preparar a escola, e por consequência, a sociedade para o futuro.

Propor uma educação para o futuro significa melhorar o ensino, torná-lo potente, aprimorar os processos, aperfeiçoar a comunicação entre a escola e aqueles

que fazem parte dela, seja o corpo docente ou discente. Portanto faz-se necessário identificar quais são as competências e as práticas que os gestores e os educadores podem buscar desenvolver para alcançar uma gestão inovadora de sucesso e transpor os desafios presentes no contexto social que os alunos estão inseridos e os desafios impostos pela própria formação dos educadores.

1. GESTÃO ESCOLAR E SEUS DESAFIOS

Frente as novas tecnologias de informação e comunicação, e essa característica rapidez na produção e consumo de conteúdo, é evidente que o uso dessas tecnologias afetou a sala de aula e o modo de aprendizagem dos alunos, impondo assim desafios à escola, na democratização dessas tecnologias e aos professores que devem mediar e conectar o currículo a elas.

Conforme Vasconcelos Soares; Oliveira (2019) a gestão educacional busca englobar todos os indivíduos na construção dos processos educacionais, de forma que seja possível o engajamento em lutas próprias pelo melhor desenvolvimento da educação, ampliando relações democratizantes e aprimorando práticas desempenhadas.

A respeito da administração escolar, Teixeira (1961 apud SOUZA, 2017) chama atenção a presença de dois tipos de administração: a administração da fábrica, em que a função de administrar é máxima e a de execução é mínima; e de outro lado está a administração escolar, “na qual o elemento mais importante não é o administrador, mas o professor”. Desse modo, para Teixeira (1961, apud SOUZA, 2017), a razão do trabalho do gestor escolar é antes de tudo centrada no docente, no aluno e no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Souza (2017) a atividade administrativa não se dá no vazio, mas em condições históricas determinadas para atender a necessidades e interesses de pessoas e grupos. Analogamente, Paro (1988, apud SOUZA 2017) diz que a educação escolar não se faz separada dos interesses e forças sociais presentes numa determinada situação histórica.

Os diretores atendem aos interesses dos diferentes segmentos como estratégia política de sobrevivência, modificando inclusive suas aparentes concepções para se conservar no centro da cena política. Atender aos interesses dos superiores hierárquicos e aos da comunidade escolar faz parte deste jogo político (SOUZA; GOUVEIA, 2010; PARO, 2010 apud SOUZA, 2017)

Quanto ao contexto da gestão educacional, Brandão (2005 apud AMORIM, 2015a) evidencia que apesar dos significativos avanços e mudanças na área da

educação, há a presença de um paradigma fabril predominante nas instituições de ensino. Amorim (2015a) caracteriza esse paradigma fabril presente nas escolas como a prevalência de ideais conservadores e tradicionais nas concepções de aprendizagem. Segundo o autor:

Este paradigma permanece, inclusive, na atuação do trabalho do gestor escolar, com uma vertente estritamente conservadora, pois não consegue responder às demandas apresentadas pelos sistemas de ensino e pela própria rede escolar, a respeito dos problemas contemporâneos que desafiam o exercício de uma gestão escolar inovadora.

Brandão (2005 apud AMORIM, 2015a) diz que este paradigma fabril não consegue ser totalizador das etapas de gestão da escola, tendo consequências principalmente no processo de ensino-aprendizagem, que neste cenário, é caracterizado pela fragmentação, desintegração e silenciador das questões que emergem da relação professor-aluno.

A respeito da estrutura do processo educacional Silveira (2019 apud BROCKVELD; TEIXEIRA; SILVA, 2017) diz que a escola ficou imune às diversas revoluções enfrentadas pela sociedade ao longo dos séculos. O autor declara que a escola é uma instituição social antiquada, conservadora e enrijecida. Os autores ressaltam que grande parte das escolas ainda segue um modelo de ensino estabelecido no século XIX, na Sociedade Industrial.

Amorim (2015b) traz o conceito de escola homogeneizada, aquela que desenvolve a pedagogia da homogeneização, que transforma as propostas educacionais, as metodologias de ensino, os livros didáticos, a formação docente, a gestão educacional e os processos de aprendizagem sempre em algo uniforme; não levando em consideração as diferenças presentes no contexto educacional específico de cada escola. O autor complementa que escola que serve de satélite para a reprodução das atividades deste mundo, e que está pronta para sofrer as transformações educacionais e sociais necessárias, para a consolidação de saberes educacionais e escolares inovadores.

No contexto de surgimento das pedagogias críticas e pós-críticas, vemos a busca por inovação, preconizada por Brandão (2005 apud AMORIM, 2015a) como sendo necessária para afrontar o lado estático, a divisão e a desmotivação instaurada pelas pedagogias conservadoras e tradicionais.

Outro elemento de mudança na gestão escolar se deu a partir da implementação da Lei Nº. 9394/96 em função dos princípios de gestão democrática no âmbito da escola pública. RIOS (2011) diz que o gestor escolar, a partir desse

momento, passou a gerenciar, coordenar, acompanhar e executar atribuições que anteriormente não ressoavam no âmbito da escola e da comunidade com tal força, tal como o evidenciamos com o advento da referida lei.

Conforme Souza (2017), ao longo do século XX e começo do XXI, os estudos compreendem que o diretor é um educador que tem a tarefa de coordenar o esforço coletivo desenvolvido na escola, pois a gestão escolar é, antes de tudo, a coordenação deste trabalho com vistas aos objetivos educacionais. Seu trabalho é centralizador dos processos que ocorrem na instituição de ensino. Além disso, a existência e funcionamento do Conselho Escolar, a existência e construção do PPP (Projeto Político Pedagógico), a participação comunitária e as relações políticas na/da escola, evidenciam a natureza predominantemente político-pedagógica da direção e da gestão escolar. Em contraste, Amorim (2015b) expõe a falta de consciência por parte dos dirigentes do verdadeiro processo educacional que leva o aluno para construir a sua cidadania.

De acordo com Libâneo (2004) a escola necessária para fazer frente a essas realidades é a que provê formação cultural e científica, que possibilita o contato dos alunos com a cultura, a qual é provida pela ciência, pela técnica, pela linguagem, pela estética, pela ética.

Prata (2010) ressalta que precisamos compreender o trabalho de gestão escolar não apenas como aquele que controla o orçamento, mantém a disciplina, coordena professores e pessoal administrativo e garante o cumprimento dos dias letivos. Temos que pensar num modelo de administração integrado às questões pedagógicas, em que todas as ações devam focar a educação que se quer produzir na escola

A gestão educacional é responsável por administrar todos os processos da escola, organizando e encaminhando as várias áreas da instituição escolar para os objetivos traçados no planejamento estratégico da escola. Tendo assim grande impacto em todas os setores de uma instituição.

2. O PAPEL DO GESTOR ESCOLAR COMO PROMOTOR DAS MUDANÇAS EDUCACIONAIS

De acordo com Amorim (2015a), o processo de inovação diz respeito ao processo de transformação em que as instituições educacionais e escolares precisam vivenciar. Numa perspectiva transformadora, a inovação educacional é uma atividade contínua que exige o estabelecimento de prioridades institucionais, no sentido de revelar práticas avançadas no processo educacional, que resguardem os princípios

democráticos de igualdade, solidariedade, justiça, liberdade e equidade.

O autor ainda declara que a inovação educacional não é um conceito definido entre os pesquisadores, podendo haver diferentes concepções a respeito do tema, contudo, todos eles apontam para a real necessidade de que a inovação seja vista e praticada como um fator de mudança, de solução e de transformação do ambiente escolar.

O papel do dirigente escolar se alterou ao longo da história da educação. Souza (2017) ao analisar as produções acerca da gestão escolar de meados do século XX ao início do século XXI aponta que no período clássico o diretor tem um papel administrativo e institucional que se centra, em larga medida, na ação pedagógica desenvolvida na escola. Contudo, conforme (PARO 1995; OLIVEIRA, 2015; SOUZA, 2006, 2010 apud SOUZA, 2017), os diretores estão se dedicando mais às ações administrativas do que às ações pedagógicas.

Amorim (2015a) alerta para necessidade de mudanças profundas na concepção e no desenvolvimento das instituições de ensino, para torná-las dinâmicas, abertas, participativas e que possam desenvolver novas competências e habilidades, que estejam de acordo com as exigências da sociedade atual e da vida contemporânea a fim de superar o paradigma fabril, tradicional e conservador presente na educação.

A visão do diretor escolar como um administrador; como um representante do Estado na escola, foi se modificando conforme os trabalhos que surgiram no final dos anos 1970 e início dos 1980 fomentaram uma perspectiva crítica na análise da gestão escolar, marcada pelo reconhecimento da gestão escolar como um processo político-pedagógico e da democratização da gestão educacional. Amorim (2015a) diz que é diante deste contexto que surgem uma nova concepção de gestão escolar, com o gestor da escola passando a se preocupar com a essencialidade da vida escolar.

Brockveld, Teixeira e Silva (2017) em seus estudos revelam que novas direções para a educação são preconizadas por diversos autores, como: Delors (1999) - aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos; e aprender a ser. Figueiredo (2016), aponta as pedagogias da autonomia, da libertação e da partilha que “[...] ajustam-se na perfeição à era social em que se vive hoje”, trazidas nos estudos de Freire (1994), Bourdieu e Passeron (1970), Dewey (1938) entre outros. Ainda, os autores ressaltam que a mudança precisa vir de dentro para fora, já que, historicamente, grande parte das propostas de transformação foram apresentadas de forma impositiva (de cima para baixo) e acabaram não se adequando a realidade de cada instituição. Neste sentido, Zylbersztajn (2015 apud BROCKVELD; TEIXEIRA; SILVA, 2017) recomenda que os educadores sejam envolvidos nos momentos de

reflexão, na definição de uma visão compartilhada do que se deseja alcançar e como formadores de outros professores.

Uma das características profissionais mais exigidas hoje em dia é a capacidade de inovação. Ao pensar sobre inovação, a associação mais direta que fazemos é com a utilização de recursos tecnológicos. Contudo, DRUCKER (2003, apud AMORIM, 2015b) nos alerta para o fato de que as inovações eficazes são sempre aquelas mais simples possíveis. Segundo o autor, a escola não precisa “inventar a roda” para inovar a gestão e o seu processo de ensino-aprendizagem, basta iniciar o trabalho colocando em igualdade de prioridade os saberes trazidos pelos alunos juntamente com os saberes científicos defendidos pela instituição de ensino.

Segundo Amorim (2015B), o dirigente passa a atuar como sendo um animador da inovação, destacando os compromissos e as atribuições dos participantes, colocando-se como sendo um coordenador da busca de soluções inovadoras no ambiente educacional.

Rios (2011) complementa que tecnologias são os meios, os apoios, as ferramentas que utilizamos para que os alunos aprendam. A forma como os organizamos em grupos, em salas, em outros espaços isso também é tecnologia. Para o autor os desafios do desenvolvimento de uma gestão inovadora num contexto de escolas públicas com infraestrutura defasada, professores com formação deficiente, classes superlotadas e barulhentas. Rampelotto, Melara e Linassi (2015) ressaltam a importância das ações do gestor em articular o acesso a e participação da comunidade escolar, socializando e incentivando o uso de tecnologias como aliadas das metodologias de sala de aula.

Barraza Macias (2011 apud AMORIM, 2015b) apresenta o gestor escolar como sendo aquele agente que executa a decisão de informar a todos a respeito da necessidade da inovação, tratando de buscar um consenso entre professores e alunos. Pereira (2017) esclarece que as exigências da sociedade atual são distintas do período que moldou a aprendizagem tradicional, desse modo, é necessário pensar em modos de aprendizagens coerentes com os padrões da sociedade em rede e, isso demanda modificações no modelo Educação vigente, objetivando um processo mais interativo, centrado no aluno e operacionalizada numa dimensão tecnológica, pedagógica e metodologicamente inovadora.

Ressaltando a gestão democrática, Amorim (2015b) diz que a gestão inovadora que trabalha permanentemente em diálogo entre os pares encontra mais facilidade para resolver os desafios simples e complexos que surgem no cotidiano escolar. Ou seja, a constante troca de experiências e a participação da comunidade escolar é um fator significativo no sucesso da gestão.

No trabalho de Rocha Saldanha, Nodari e Salvagni (2017) as autoras falam da importância planejamento estratégico para aumentar as chances de sucesso; e da necessidade de o gestor escolar ter aptidão e qualificação para uma liderança voltada para a ação, que efetivamente implemente o plano estratégico.

3. O USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO

É incontestável que a tecnologia de informação e comunicação ao longo dos últimos anos avançou rapidamente, criando um mundo de possibilidades nas relações entre os sujeitos e o meio em que estão inseridos. Uma consequência disso, são as mudanças também presentes na educação, seja na forma como se organiza, seja no processo de ensino-aprendizagem, seja nos processos administrativos; a tecnologia

Pereira (2010) expõe as alterações impostas pela integração das tecnologias de informação e comunicação na interface aluno-professor mediados pelos conteúdos. O autor ressalta a necessidade de adequar a Educação à sociedade em rede, construindo o saber atividades integradas, interativas e colaborativas, que promovam ambientes educativos inovadores e com alunos ativamente envolvidos.

Ao pensar em tecnologia de informação e comunicação (TICs) na sociedade atual, fazemos uma rápida associação com equipamentos e recursos multimídias conectados com a internet. Conceituando:

A sigla TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação), especificamente, envolve a aquisição, o armazenamento, o processamento e a distribuição da informação por meios eletrônicos e digitais, como rádio, televisão, telefone e computadores, entre outros. Ela resultou da fusão das tecnologias de informação, antes referenciadas como informática, e das tecnologias de comunicação, relativas às telecomunicações e à mídia eletrônica (Quintela, 2013, p. 32 apud VASCONCELO SOARES; OLIVEIRA. 2019).

Uma preocupação exposta por Silva (2010 apud PEREIRA, 2017) reside na oposição entre escola e tecnologia em práticas como, Regimento Escolar proibindo o uso do celular pelos alunos; armários e salas de informática trancados; os quais criam uma barreira na emergência de interação entre o mundo tecnológico e a sala de aula.

Um desafio exposto por Rios (2011) consiste na implementação da tecnologia nas escolas ser caracterizada por grande desconfiança por parte dos educadores, a autora ressalta, principalmente, em relação aos profissionais com mais experiência,

que apresentam grande dificuldade em integrar as atividades com os artefatos tecnológicos.

Em relação a inaptidão dos docentes com a tecnologia, Amorim (2015a) esclarece que o professor atual dedica grande parte do seu tempo para trabalhar o conteúdo de maneira sequenciada, de maneira mecânica no âmbito da sala de aula; ele tem imensa dificuldade para fazer o caminho diferente, pois falta criatividade e inovação no processo de recriação dos espaços de ensino-aprendizagem.

Segundo Valente (2005 apud PEREIRA 2017), os dispositivos digitais “possibilitam a exploração de um leque ilimitado de ações pedagógicas, permitindo uma ampla diversidade de atividades que professores e alunos podem realizar.”

Sobre as práticas docentes e as tecnologias de informação e comunicação, Amorim (2015b) diz que elas precisam ser inovadoras desde o processo formativo dos professores, até a vivência cotidiana deles nas escolas, ressaltando a necessidade de recuperar e valorizar as experiências construídas pelos professores e pelos alunos, no contexto da experimentação curricular, para renovar e inovar essas experiências, fazendo com que elas se tornem permanentes e concorram para ampliar a cultura escolar e a consolidação de novos saberes.

Conforme Prata (2010) a inserção de tecnologias na educação pode promover mudanças bastante significativas na organização e no cotidiano da escola e na maneira como o ensino e a aprendizagem se processam. Rios (2011) ressalta para a necessidade da participação dos gestores no processo de inclusão digital e da alfabetização tecnológica.

O uso das tecnologias digitais, no processo educativo pode ser compreendido como uma inovação no campo do conhecimento, proporcionando novas formas de interação, socialização e aprendizagem. Estes instrumentos ampliam o intercâmbio educacional e cultural, quebram fronteiras e barreiras e promovem a autonomia à medida que respeitam o ritmo de cada educando (RAMPELOTTO; MELARA; LINASSI, 2015)

De acordo com Vasconcelos Soares e Oliveira (2019) o gestor educacional torna-se uma figura de grande responsabilidade na condução de inserção dos novos aparatos tecnológicos às diversas relações e processos da escola, devendo agir em prol da melhoria da qualidade do ensino e do desenvolvimento dos educandos, docentes e demais profissionais, compromisso firmado na garantia de uma gestão democrática, inclusiva e direcionada a realidade social vigente. Por sua vez Pereira (2017) compreende que a sociedade em rede revolucionou diversas dimensões da vida, facilitando estudos, trabalhos colaborativos num percurso de aprendizagem

conjunta, sem barreiras espaço-temporais e se difundem categorias emergentes e inovadoras de socializar. A sociedade em rede exige, desta forma, um novo paradigma social que transforme e configure a forma de aprender e é o pilar para a percepção e afinação da aprendizagem do futuro.

Rios (2017) alerta que, isoladamente, as tecnologias não podem gerar mudanças. Sua implementação no dia-a-dia da escola exige formação contextualizada de todos os profissionais da educação. O autor ressalta as potencialidades presentes na utilização das TICs no cotidiano, pois abre-se novas relações com o saber. Essa abertura à articulação com diferentes espaços otimiza a gestão escolar e provoca mudanças substanciais no interior da instituição por meio de um processo colaborativo entre os setores da comunidade escolar.

4. INDICADORES DE INOVAÇÃO

Amorim (2015a) preconiza cinco indicadores que sinalizam para a efetivação da inovação, das transformações vividas pelo aluno no ambiente escolar social, indicando a capacidade do gestor ser também um agente a serviço da transformação:

1. O indicador de contexto diz respeito à compreensão, a reflexão e ao estudo sistemático dos diferentes cenários onde o aluno e o professor estão inseridos. Ele promove a análise aguçada do ambiente social, cultural, político e educacional.
2. O indicador de escolarização diz respeito ao processo de aquisição dos conhecimentos básicos por parte da criança e do jovem, dos saberes escolares essenciais, caracterizando-se por ser institucional, ter uma formalidade e atuar na formação integral do aluno.
3. O indicador tecnológico é a ferramenta da inovação da gestão escolar, quando possibilita o aprimoramento das atividades do aluno e da mudança do comportamento do professor, auxiliando no avanço das tecnologias que promovem a renovação das práticas pedagógicas, em sala de aula.
4. O indicador de processo é aquele que revela toda a dinâmica da gestão democrática e participativa que favorece à aprendizagem humanizadora do aluno. Essa dinâmica consiste em observar, explorar, comparar, relacionar, levantar hipóteses, concluir e posicionar-se diante de um determinado momento na escola.
5. O indicador de resultados diz respeito à consolidação de todos os indicadores que a gestão observou se o educando realmente desenvolveu, se apresentou, de maneira coletiva, um crescimento formativo nas

competências e nas habilidades básicas.

Segundo Barraza Macias (2011 apud AMORIM, 2015b), o dirigente consciente de seu papel criativo, que luta pela inovação dentro da escola, deve atuar considerando a importância dos seguintes aspectos:

de maneira democrática, ser o gerador da formação de uma consciência coletiva no meio do grupo; em qualquer circunstância, observar o crescimento do grupo e atuar no sentido de promover as relações humanas, a segurança e a satisfação de todos; realizar o planejamento institucional, primando pelo despertar de todos para o cumprimento dos objetivos e das ações do que foi realmente planejado; dinamizar e impulsionar constantemente a participação da comunidade escolar para a realização dos processos inovadores que foram estabelecidos de maneira coletiva; estabelecer o nível de diálogo no âmbito da escola, comunicando sempre os avanços, as conquistas individuais e coletivas e, também, as dificuldades que precisam ser vencidas; ser um negociador permanente, um mediador que atua para garantir o suporte material, financeiro e humano necessário e que efetive o processo de inovação educacional.

Pereira (2017) apresenta em sua pesquisa com base em parâmetros globais, que o futuro da aprendizagem possui uma estreita ligação com o avanço tecnológico. De modo que urge repensar a Educação e o ambiente escolar, uma vez que as práticas educacionais tradicionais já não oferecem todas as habilidades necessárias para formar integralmente os alunos. O autor ainda propõe um modelo educativo de aprendizagem do futuro que deve incorporar cenários de aprendizagem emergentes, triangulando os seus benefícios em prol de uma aprendizagem de sucesso. Em seu trabalho ele propõe a combinação de metodologias como: gamificação, recursos educacionais abertos, aprendizagem móvel e ambientes colaborativos no desenvolvimento das práticas educacionais.

Tabela 1- Modelo Educativo de Aprendizagem

Metodologia Proposta	Objetivo
Gamificação	Promover a motivação e a participação dos utilizadores.
Aprendizagem Móvel	Aproximar o processo de aprendizagem ao cotidiano do aluno. Tornando todos os espaços, um espaço de aprendizagem.
Ambientes Colaborativos	Promover interações em comunidades de criação e partilha de conhecimento.

Recursos Educacionais Abertos (REA)	Permitir a partilha e a coautoria do conhecimento.
-------------------------------------	--

Fonte: Dados extraídos de PEREIRA (2017)

No trabalho de Brockveld, Teixeira e Silva (2017), os autores sugerem o desenvolvimento de uma cultura *maker*, de criação, experimentação e desenvolvimento. O trabalho aponta os pilares que fundamentam essa prática:

1. a importância do envolvimento ativo do aprendiz;
2. o respeito pelo aprendiz e por suas próprias ideias
3. o entendimento da ciência enquanto criação humana
4. a atenção às dificuldades do processo de mudança conceitual que resultam em obstáculos à compreensão dos estudantes dos conceitos científicos
5. a abordagem da aprendizagem baseada em projetos

Brockveld, Teixeira e Silva (2017) apontam que nessa prática *maker*, o estudante e educador precisam aprender a aprender. Sendo mais importante o percurso - ou seja, o processo de aprendizagem - com as experiências adquiridas provenientes dos acertos, e principalmente dos erros cometidos. Pedro e Matos (2015) sugerem que para ocorrer a efetivação de práticas inovadoras, devemos nos atentar ao *design* e arquitetura dos espaços de aprendizagem, uma vez que, as diferentes áreas científicas requerem práticas específicas. Desse modo, vale pensar em uma arquitetura flexível, modular e adaptável, tendo em mente a pluralidade desse espaço. Os autores preconizam os seguintes princípios para o *design* de espaços educativos do futuro: flexibilidade, personalização, inovação, comunicação, colaboração, acessibilidade e sustentabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo realiza uma breve reflexão buscando identificar competências pertinentes à uma gestão educacional inovadora no mundo contemporâneo demarcado pelas transformações e avanços da tecnologia a fim de promover um processo de ensino-aprendizagem significativo, potente e integral do aluno.

As competências essenciais ao gestor inovador estão na sua capacidade de manter permanente diálogo com a sua equipe pedagógica e a comunidade escolar (interna e externa), em agir de modo democrático, de ser dinâmico, de ter aptidão para a liderança, de comunicação, sobretudo de ser um articulador dos processos pedagógicos e administrativos em interface do uso das tecnologias.

Quanto às práticas educacionais verificou-se que futuro da aprendizagem possui uma estreita ligação com os avanços tecnológicos e está imbricada em metodologias ativas como, a gamificação, a aprendizagem móvel, os ambientes colaborativos, a aprendizagem baseada em projetos, um ambiente de aprendizagem flexível e adaptável às diversas áreas da ciência; que promovam o maior engajamento e participação dos alunos bem como o desenvolvimento de competências para o mundo do trabalho.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Antônio. **Gestão escolar e inovação educacional: a construção de novos saberes gestores para a transformação do ambiente educacional na contemporaneidade**. 2015a.

AMORIM, Antônio. **Inovação, qualidade do ensino e saberes educacionais: Caminhos da gestão escolar contemporânea**. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, p. 400-416, 2015b.

BROCKVELD, Marcos Vinícius Vanderlinde; TEIXEIRA, Clarissa Stefani; SILVA, Mônica Renneberg da. **A Cultura Maker em prol da inovação: boas práticas voltadas a sistemas educacionais**. In: *Anais da Conferência ANPROTEC*. 2017.

LIBÂNEO, José Carlos et al. **Organização e gestão da escola**. *Teoria e prática*, v. 5, 2004.

PEDRO, Neuza; MATOS, João Filipe. **Salas de Aula do Futuro: novos designs, ferramentas e pedagogias. Ensinar a aprender! O saber da ação pedagógica em práticas de ensino inovadoras: Atas digitais do 3º Seminário Nacional Investigando Práticas de Ensino em Sala de Aula, 1º Seminário Internacional de Práticas Inovadoras Pedagógicas**, p. 15-29, 2015.

PEREIRA, Hélder. **Educação: Cenários orientadores da aprendizagem do futuro**. REAeduca. *Revista de educação para o século XXI*, 2017.

PRATA, Carmem Lúcia. **Gestão escolar e as tecnologias**. ALONSO, Myrtes; ALMEIDA, Maria Elizabeth B. de; MASETTO, Marcos Tarciso, 2010.

RAMPELOTTO, Elizane Maria; MELARA, Adriane; LINASSI, Priscila Silva. **Gestão escolar: o uso das tecnologias de informação e comunicação e suas possibilidades**. In: **Anais do XII Congresso Nacional de Educação—EDUCERE**. Curitiba: PUCPR. 2015.

RIOS, Mirivan Carneiro. **O gestor escolar e as novas tecnologias**. *Revista Eletrônica Educação Em Foco, Amparo*, v. 4, 2011.

ROCHA SALDANHA, Manoela Atarão; NODARI, Cristine Hermann; SALVAGNI, Julice. **O papel do diretor na perspectiva do planejamento estratégico de uma gestão escolar**. *Regae-Revista de Gestão e Avaliação Educacional*, v. 6, n. 12, p. 59-78, 2017.

SOUZA, Ângelo Ricardo. **As teorias da gestão escolar e sua influência nas escolas públicas brasileiras.** Revista de Estudios Teóricos y Epistemológicos en Política Educativa, v. 2, p. 1-19, 2017.

VASCONCELOS SOARES, Lucas; OLIVEIRA, Lílian Aquino. **A exclusão digital no século XXI: Diálogos na incorporação de TICs na gestão educacional em escolas da rede pública de São Luis/MA.** ARTEFACTUM-Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia, v. 18, n. 1, 2019.